

A SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE NA PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE IDOSAS E INDICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

Angélica Frugoli¹

Carlos Alberto de Oliveira Magalhães Júnior²

FRUGOLI, A.; MAGALHÃES-JUNIOR, C. A. O. A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 15, n. 1, p. 85-93, jan./abr. 2011.

RESUMO: Desde os anos 70, a população de idosos cresceu em termos proporcionais, mais do que qualquer outra faixa etária no Brasil. Mas, ainda a sociedade banaliza o tema sexualidade na terceira idade e os próprios idosos convivem com falsos mitos e tabus, adquiridos pela educação repressora recebida no passado. O presente estudo teve como objetivo investigar os conhecimentos das idosas do grupo “Ande bem com a Vida”, a respeito de sexualidade, conhecimento e prevenção de DST/AIDS. Como processo metodológico, os pesquisadores utilizaram o método da pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. A partir dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas, observou-se que a maioria das idosas considera sexualidade e ato sexual sendo sinônimos. A pesquisa mostrou ainda que quase todas as mulheres entrevistadas afirmaram ser possível ter uma vida sexual ativa e saudável na terceira idade. Entretanto, o dado mais preocupante foi em relação à utilização de preservativo após os 50 anos, pois nenhuma das entrevistadas utiliza esse método. Hoje, o modo com que essas idosas encaram sua sexualidade é reflexo da educação repressora recebida no passado, e tendo como consequência muitas dúvidas, medos e preconceitos a respeito desse tema, fazendo com que não usufruam de sua sexualidade nesse momento da vida. Logo, a pesquisa mostrou a necessidade de levar informações sobre sexualidade a essa faixa etária, o que permitirá a aquisição de conhecimento sobre o assunto, acabando com os mitos, tabus e informações errôneas.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Idoso; Doenças sexualmente transmissíveis.

SEXUALITY IN THIRD AGE IN THE PERCEPTION OF AN FEMALE ELDERLY GROUP AND INDICATIONS FOR THE ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT: Since the 70s, the elderly population grows in proportional terms, more than any other age group in Brazil. But even the sex in old age is trivialized by society and even the elderly live with false myths and taboos, acquired by repressive education received in the past. This study aims to investigate the knowledge of the older group “Ande bem com a Vida,” about sexuality, knowledge and prevention of STD / AIDS. As the methodology, we used the descriptive qualitative approach. From the data collected in semi-structured interviews, it was observed that for the majority of elderly consider sexual intercourse and being synonymous, although we note that almost all respondents believe it is possible to have an active sex life and healthy in old age, but more worrying was given regarding the use of condoms after 50 years, none of the respondents using this method. Today the way in which these elderly face their sexuality is a reflection of the repressive education received in the past, and as a result of having many doubts, fears and prejudices on this subject, making it impossible to enjoy their sexuality in this time of life. Then it highlights the need to bring information about sexuality in this age group, allowing the acquisition of knowledge on the subject, shattering the myths, taboos and misinformation.

KEYWORDS: Sexuality; Aged; Sexually transmitted diseases.

Introdução

A população mundial, no decorrer do século XX, sofreu uma clara mudança no perfil demográfico. Observa-se um aumento na expectativa de vida, que está fortemente atrelado a fatores como avanços na medicina, na qualidade e longevidade da vida (MORETTIN et al., 2008).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece a velhice por meio de um critério cronológico. Em países desenvolvidos são considerados idosos, pessoas com idade igual ou superior a 65 anos. Já em países em desenvolvimento, como o Brasil, a idade limite é de 60 anos ou mais.

No Brasil, segundo o censo de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), os idosos correspondiam a 14,5 milhões de pessoas, 8,6% da população total do país. Um aumento de 17%, se comparado com o censo anterior, realizado em 1991. Já no censo 2010, este gru-

po passou para 20,6 milhões de pessoas, correspondendo a 10,8% da população total (4,8% de homens idosos e 6,0% de mulheres idosas) (IBGE, 2010). E, nos próximos 20 anos, a população de idosos deverá representar quase 13% da população, podendo ultrapassar os 30 milhões de pessoas com mais de sessenta anos, o que fará do Brasil o sexto país em número de idosos no mundo.

Ainda segundo o censo de 2000, 55% da população brasileira acima de 60 anos é formada por mulheres e, entre idade superior a 80 anos, essa proporção sobe para 60,1%. Essa feminilização implica num alto contingente de mulheres só acima dos 60 anos, além de um elevado número de famílias com outro tipo de estrutura, mulheres sozinhas, por opção ou por viúves (CAVALHEIRO, 2008).

Os idosos brasileiros desempenham um papel socioeconômico de fundamental importância no convívio familiar. Em torno de seis milhões de idosos têm filhos ou outros parentes sobre sua respon-

¹Graduada em Enfermagem pela Universidade Paranaense, Cianorte, Paraná - angelfrugoli@hotmail.com

²Doutor em Ecologia e professor do Departamento de Ciências da Universidade Estadual de Maringá - UEM, Campus Regional de Goioerê. - juniormagalhaes@hotmail.com

sabilidade (IBGE, 2005). Esse dado contribui para o rompimento de preconceitos associados à inutilidade (MATTOS; NAKAMURA, 2007).

Para a gerontologia, o envelhecimento é a sequência da vida, tendo suas peculiaridades e características. Felizmente, hoje vem se construindo uma visão mais positiva e produtiva para o idoso. Mas, quando a questão é a sexualidade nesse período da vida, o assunto é cercado de preconceitos perante a sociedade e entre os próprios idosos que convivem com mitos e tabus (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007). Essa visão distorcida é fruto de uma educação muito severa, cheia de conceitos e preconceitos repressores. Todos esses fatores e mais a falta de conhecimento induzem a uma atitude pessimista sobre o sexo na velhice (VASCONCELLOS et al., 2004).

A sexualidade não se restringe apenas à relação sexual, na visão reprodutiva, mas também se manifesta na corporeidade, ou seja, envolve todos os sentidos, abrange um conjunto de experiências, emoções e sentimentos (ARCOVERDE, 2006).

Os principais fatores que influenciam negativamente a sexualidade do idoso é o desconhecimento acerca da sexualidade na velhice, assim como os aspectos culturalmente proibitivos cultivados a respeito de relações sexuais entre eles. Para muitos, a velhice é vista como um período de assexualidade. Isso faz com que eles se comportem segundo as expectativas sociais e, aqueles que têm desejo sexual experimentam um sentimento de culpa e vergonha (CASTRO; REIS, 2002).

As mulheres são as que mais sofrem preconceitos, pois são avaliadas pela sua aparência externa e pela capacidade reprodutiva. O corpo da idosa, além de não mais fértil e produtivo, perante a sociedade é feio e assexuado. Isso faz com ela se feche e não expresse sua sexualidade (MOTTA, 2003). Na sociedade, prevalece o culto à beleza; o envelhecimento é visto como uma ameaça para as mulheres, pois está fortemente associado à perda de libido e, conseqüentemente, elas se sentem assexuadas (SILVA, 2006). Imagina-se que o envelhecimento repercute negativamente sobre a sexualidade da mulher, mas a sexualidade é uma necessidade humana básica, independente da faixa etária, embora ainda sejam incipientes os estudos relacionados a este assunto (CAVALHEIRO, 2008).

Para Souza (2003, p. 58), “esse preconceito tende a reprimir as expressões da sexualidade na velhice, como se o interesse sexual ou amoroso causasse certo horror, fosse algo aberrante, que não pode ser revelado, demonstrado, explicado e muito menos aceito”.

A sociedade impõe certos padrões de comportamento, que limitam a sexualidade humana a um período compreendido entre a puberdade e o início da maturidade. Sendo assim, a atividade sexual não é reforçada pela sociedade na velhice. Ao contrário, é punida por meio dos preconceitos. Os idosos submetidos a essa ideia imposta pela sociedade, e aliados às modificações fisiológicas características do envelhecimento, parecem aceitar a dessexualização como um processo normal da idade (CASTRO; REIS, 2002).

É normal que, com avançar da idade, ocorra um declínio da atividade sexual, verificando que as relações de sedução podem ser mais facilmente reconhecidas e reivindicadas do que o próprio ato sexual (VASCONCELLOS et al., 2004). Com isso é possível mostrar que sexualidade não é só o ato sexual, mas envolve amor, partilha, calor, toque, enfim, todas as formas que expressam a busca pelo prazer.

É possível dizer que, gradativamente, vêm ocorrendo mudanças comportamentais sobre a prática do sexo entre os idosos. Mas, estas não estão sendo acompanhadas do incentivo à prática de sexo seguro. São escassos os trabalhos que abordam o tema da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS em idosos, e os profissionais de saúde, muitas vezes, não dão a importância necessária ao assunto (MATSUOKA et al., 2007).

É possível observar esse descaso nos números do Boletim Epidemiológico DST/AIDS – 2008, divulgados pelo Ministério da Saúde, que revelaram a taxa de incidência da doença aumentando consideravelmente em pessoas maiores de 50 anos. Entre 1996 a 2006, a incidência de AIDS nessa população no país que era 7,5 passou para 15,7 casos por 100 mil habitantes. Nessa faixa etária, 70% dos contaminados são homens e desses, 75% são casados. Menos de 20% dos brasileiros acima de 50 anos declaram usar preservativos nas suas relações sexuais (BRASIL, 2004).

Devido à educação repressora que muitos idosos receberam no passado (FERRARI, 2010), esse tema não é discutido entre idosos e, como indica Almeida e Patriota (2009), muitos deles não se sentem bem em expressar opiniões sobre o assunto. Assim, torna-se necessário conhecermos como eles percebem e vivenciam sua sexualidade, para podermos levar-lhes informações sobre sexualidade, o que permitirá a construção de conhecimento sobre o assunto, acabando com os mitos, tabus e informações errôneas.

A sexualidade é um elemento fundamental para uma boa qualidade de vida; é normal pessoas mais velhas continuarem a terem desejos mas, muitas

vezes, os reprimem porque a sociedade impõe certos moralismos (ZAMLUTTI, 1996). Observa-se, empiricamente que as questões relacionadas à sexualidade são discutidas abertamente quando se trata de adolescentes e de adultos. Mas é uma questão pouco considerada na terceira idade e, muitas vezes, negada (PINTO et al., 2005).

A sociedade padroniza deveres e direitos, permissões e proibições para cada fase cronológica da vida humana mas, sem dúvida, a fase da vida que é mais castrada de seus direitos e satisfações é a velhice. E quando a questão é sexualidade, é mais carregada de castrações e proibições. Isso se deve à crença de que o envelhecimento biológico acarreta em deixar de ter necessidade ou desejo de satisfação sexual (ZAMLUTTI, 1996).

As formas de expressar a sexualidade do idoso servem para promover a comunicação, confiança, carinho, partilha e prazer (ALMEIDA et al., 2002). O idoso, possuindo o conhecimento adequado sobre seu corpo, sobre mudanças físicas ocorridas e tendo informações a respeito de sexualidade, pode alcançar e manter uma atividade sexual satisfatória.

Assim, o objetivo deste trabalho foi identificar e descrever o conhecimento sobre sexualidade entre as idosas do grupo “Ande bem com a vida”, bem como identificar como elas expressam sua sexualidade; verificar quais são os fatores que interferem na sexualidade na terceira idade e analisar o nível de conhecimento a respeito de prevenção de DST/AIDS.

Materiais e Métodos

O presente trabalho se enquadra dentro da abordagem de investigação qualitativa exploratória, sendo um tipo de pesquisa que não valoriza apenas os aspectos técnicos, pois é voltada para a compreensão da vivência, de emoções, de sentimentos e de comportamentos humanos, possuindo uma natureza compreensiva (CAMARGO; SOUZA, 2003). Esse tipo de pesquisa proporciona investigar motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de forma espontânea, que proporcionam uma percepção do vivido, estimulando os participantes entrevistados a pensarem livremente sobre o tema e os objetivos (IBGE, 2004).

Foi realizado o uso da técnica de entrevista com questionário semiestruturado por permitir uma maior interação, abertura e proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo respostas espontâneas, o que torna possível ao pesquisador tocar em assuntos mais complexos e delicados (AL-

VES-MAZZOTTI, GEWANDSNAJDER, 1998). Nesse tipo de entrevista, parte-se de um conjunto de questões previamente definidas, podendo ser abertas ou fechadas, mas o contexto é muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005).

A pesquisa teve como critério de inclusão idosas que participavam das atividades desenvolvidas pelo grupo “Ande bem com a vida”, na unidade de Saúde Setor 4, da cidade de Cianorte-PR. Consideramos indivíduos idosos aqueles que estão na faixa etária de 60 anos ou mais, conforme critério adotado pela OMS.

O grupo “Ande bem com a vida” surgiu da ideia de integrar e de melhorar a qualidade de vida dos idosos moradores do bairro, tanto física como psicologicamente, desenvolvendo atividades como: caminhadas três vezes por semana, com acompanhamento de uma professora de Educação Física, aula de canto, além de passeios. Na época da pesquisa, o grupo contava com 75 idosos, sendo que 61 dos participantes eram mulheres, as quais foram o foco da pesquisa.

A divulgação da pesquisa foi feita pela pesquisadora num encontro com as idosas após a caminhada e, dos dias 24/07 a 13/08, foram realizadas as entrevistas com 14 idosas que consentiram participar da pesquisa, a fim de investigar os conhecimentos a cerca do tema e conhecer as suas dúvidas, por meio da entrevista.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada do posto de saúde, de forma, a garantir a privacidade das entrevistadas e, para documentar os dados e com o objetivo de captar as informações com fidedignidade, sem perder o tom de voz, as pausas, os sorrisos e gestos. Foi utilizado um gravador digital para registro das entrevistas.

O teor das questões foi sobre: as orientações e informações recebidas sobre sexualidade ao longo da vida, as alterações fisiológicas advindas com a idade, o conhecimento sobre sexualidade nesse momento da vida, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS e as formas de prevenção.

As respostas foram transcritas na íntegra. Posteriormente, o material foi ordenado, classificado e analisado, sendo possível fazer o confronto entre os dados coletados e o referencial teórico, com o intuito de esclarecer a questão da pesquisa e atingir os objetivos propostos.

Para cumprimento do sigilo garantido, na apresentação dos resultados, as falas das participantes receberam como código as letras do alfabeto.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de

Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Paranaense (CEPEH/UNIPAR), sob protocolo 16696/2009 e todas as idosas que participaram da pesquisa assinaram o termo de Consentimento Livre Esclarecimento.

Resultados e Discussão

A primeira observação feita, na pesquisa, foi em relação ao número de mulheres que aceitaram participar do trabalho, das 61 idosas pertencentes ao grupo “Ande de bem com a vida”, participaram apenas 14. Já podemos observar que esse tema ainda é cercado de preconceitos entre os próprios idosos que convivem com mitos e tabus (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007). Essa imagem preconceituosa sobre o tema é fruto de uma educação muito severa, cheia de conceitos e preconceitos repressores (VASCONCELLOS et al., 2004; ALMEIDA; PATRIOTA, 2009).

A faixa etária das entrevistadas era entre 60 e 69 anos, mas a idade média do grupo pesquisado foi de 64 anos, o que condiz com a expectativa média de vida do brasileiro na atualidade (IBGE, 2004).

Em relação à situação conjugal, oito (57%) das participantes eram casadas e seis (42%) eram viúvas.

Iniciamos nossa entrevista questionando o que elas entendiam por sexualidade. Seis mulheres (43%) responderam que era apenas sexo; cinco (36%) entendiam sexualidade como sendo não apenas o sexo, mas incluíram o amor, o carinho, a amizade e o companheirismo, e três entrevistadas (21%) não souberam responder.

Por ser um tema subjetivo, cada mulher teve uma forma de interpretar sua sexualidade, segundo suas experiências vividas. A maioria das entrevistadas entendia sexualidade sendo apenas sexo. Entendemos que isso pode ser fruto da educação repressora que receberam no passado pelos seus pais, que viam esse tema cercado de conceitos e preconceitos (RISSARDO et al., 2009).

Isso fica evidenciado na declaração da entrevistada B, que relatou que sexualidade é apenas sexo. Segundo Arcoverde (2006), os idosos têm dificuldade em diferenciar sexualidade e atividade sexual, pois eles as expressam como sendo sinônimo, isso devido a educação repressiva e preconceituosa vivenciadas na sua infância e adolescência.

Sexualidade, em uma dimensão humana, está presente em toda trajetória existencial; ultrapassa o ato sexual, pois inclui o amor, o carinho, o diálogo, o toque, a afetividade (ARCOVERDE, 2006). Por isso,

conceituar sexualidade é difícil; é um tema subjetivo, indo além dos fatores citados acima e, além disso, ainda depende das experiências de vida de cada um (CAVALHEIRO, 2008).

Cada pessoa expressa sua sexualidade de maneira particular e única. Para uns a sexualidade é somente o ato sexual, para outros deve vir acompanhado de outros fatores como carinho, a compreensão e o amor (RODRIGUES, 2008). Cada idosa manifesta ou entende sexualidade de acordo com sua vivência, haja vista, na entrevista, para umas sexualidade era apenas o ato sexual e para outras incluía amor, companheirismo, toque. Como é possível observar na fala da entrevistada G: “Sexualidade é o sexo, mas só que tem que ter amor, você tem que gostar da companhia da pessoa e sentir algo mais forte pelo seu companheiro”.

É na velhice, que a sexualidade é vivenciada por meio das mais diferentes formas, podem ser nas relações de amizade, de cumplicidade e de intimidade. Nessa fase da vida, ocorre a diminuição da atividade sexual, mas não está ausente; ela é norteadada por outros valores considerados mais importantes na relação, como a amizade, a compreensão, o carinho, o diálogo que, para os idosos, completam seu dia a dia (RODRIGUES, 2008, RISSARDO et al., 2009). A fala da entrevistada C expressa exatamente isso: “Na minha idade, sexualidade é carinho, companheirismo, amizade, que é muito mais importante, depois que ficamos velhos do que o sexo”.

Assim, a sexualidade respeita as peculiaridades do corpo em cada fase da vida. Dessa forma, a capacidade de amar, desejar e desfrutar de afetividade não está relacionada a um único período da vida (CAPODIECI, 2000).

A segunda questão era se elas tinham acesso a informações sobre sexualidade. Sete (50%) das entrevistadas relataram não ter acesso a informações sobre o assunto. As outras sete responderam que sim. As informações chegavam por meio da televisão (58%), dos livros e revistas (14%), por intermédio do rádio (14%) e na participação em palestra (14%).

Um dos fatores para essas mulheres relatarem não terem acesso à informações sobre sexualidade é devido às orientações que receberam 40 anos atrás, que eram cercadas de pudor, e não se tinha o diálogo entre pais e filhos como nos dias atuais. Consequentemente, essas mulheres cresceram com inúmeras dúvidas referentes à sua sexualidade (CA-TUSSO, 2005).

Uma pesquisa realizada por Souza et al. (2009), afirma que a televisão e o rádio estão entre os meios de comunicação que mais transmitem infor-

mações sobre o tema, seguidos pelo jornal e revista. No entanto, não podemos afirmar se são informações corretas e importantes, pois os meios de comunicação podem contribuir para que ocorra distorção de informações. Sexualidade, normalmente, é um tema de difícil entendimento pela sociedade, mesmo para os jovens, o que se agrava no caso dos idosos, dificultando-lhes a superação de suas dúvidas.

A televisão trata de vários assuntos relacionados a essa questão, mas, até hoje, é carregada de preconceitos. É necessário campanhas dirigidas aos idosos sobre sexualidade, com uma linguagem fácil, acessível a todos e sem preconceitos.

A terceira questão era se as mulheres pesquisadas tinham conhecimento das mudanças que estão ocorrendo no corpo com a idade. O resultado foi que 12 delas (86%) responderam que sim. Dessas, 75% citaram a menopausa e apenas duas (14%) não perceberam as mudanças ocorridas no corpo.

Segundo Pellegrini Júnior (1999), a menopausa para a maioria das mulheres é símbolo do envelhecimento, pois tem-se a ideia de que é o fim de todas as sensações e experiências sexuais.

Esses dados são observados nos relatos das entrevistadas B e G: “A menopausa acabou comigo, sentia um calor, ficava irritada por qualquer coisa e também depois que eu entrei na menopausa, ficou muito difícil ter relação”; “Depois da menopausa, fiquei com muita *secura*”.

Segundo Gir; Nogueira e Pelá (2000), as mudanças que ocorrem no corpo feminino fazem parte do processo normal de envelhecimento. As mulheres percebem as alterações sexuais advindas da idade, embora com menos impacto no exercício sexual. É com a menopausa e as consequentes modificações hormonais que elas sentem, às vezes, aparecer os primeiros problemas sexuais.

Com o declínio da produção de estrogênio e progesterona pelos ovários na menopausa, elas, eventualmente, podem sentir sintomas como ondas de calor, suores frios, dores de cabeça, irritabilidade e depressão. As alterações que ocorrem no sistema reprodutivo feminino incluem o adelgaçamento da parede vaginal, a redução do tamanho e a perda da elasticidade, as secreções vaginais e a acidez diminuem resultando em ressecamento vaginal e prurido. Essas alterações contribuem para o sangramento vaginal e o coito dolorido (BRUNNER; SUDDARTH, 2005).

O processo de envelhecimento e suas consequências não podem ser evitados, mas podem ocorrer de forma tranquila e saudável, desde que as mulheres idosas estejam conscientes e preparadas para as

transformações que advirão.

A quarta questão era se elas sabiam quais os fatores que interferem na sexualidade após os 50 anos. Uma mulher (7%) respondeu ser a *viuvez*. Para três participantes (21%), o que interfere são as doenças do companheiro; quatro (29%) responderam ser a doença de ambos, e seis participantes (43%) não souberam responder.

De acordo com Gir; Nogueira e Pelá (2000), algumas mulheres foram educadas para ter um só parceiro; a falta dele, associada à idade, não as estimularam a procurar outro. Algumas das idosas pesquisadas destacaram a dificuldade de encontrar um companheiro da mesma faixa etária. Como as mulheres tendem a viver mais anos que os homens, há mais *viúvas* que *viúvos*. Devido ser maior o número e também as influências da sociedade em que foram criadas, é especialmente difícil para essas mulheres encontrarem novos parceiros. Ainda, segundo Gir; Nogueira e Pelá (2000), a ausência de relacionamento sexual pode ser atribuída às mudanças fisiológicas do parceiro, levando-o a perder o interesse pelo ato sexual, pois algumas das entrevistadas relataram que a doença dos maridos impede ou prejudica na relação sexual.

Para Almeida et al. (2002), podem ocorrer doenças ou alterações orgânicas, que por prevalecerem mais nessa fase, originam tais distúrbios por ação direta ou indireta, sendo as mais comuns: hipertensão arterial, diabetes, pós infarto agudo do miocárdio, além de processos reumáticos.

Outros fatores que interferem na atividade sexual na velhice são o sentir-se incapaz sexualmente, a falta de comunicação entre os parceiros, a *viuvez* mal assumida, a interrupção prolongada da vida sexual, a resistência dos filhos e da família, o estilo de vida, as falsas crenças e mitos adquiridos com o passar dos anos (RODRIGUES, 2008).

Quando questionadas, se na adolescência receberam informações sobre sexualidade, 13 (93%) responderam que não e apenas uma (7%) recebeu informação de amigas.

É notório que a cultura tem influência direta na forma como cada geração expressa sua sexualidade, pois é moldada pela história e pela a religião, que estabelece normas e comportamentos, criando tabus, mitos e preconceitos (ARCOVERDE, 2006).

No estudo realizado por Rodrigues (2008), a educação sexual, 60 anos atrás, tinha como essência a repressão e o despreparo para falar sobre o tema. Poucas pessoas tinham acesso a informações sobre sexualidade, mas não as socializavam, por medo de enfrentar as normas determinadas pela sociedade pa-

triarcal. Isso fica evidenciado na fala da entrevistada E: “De jeito nenhum, a mãe da gente tinha vergonha de falar sobre isso. Eu casei muito nova, eu não tinha nem 16 anos, eu não sabia nada, casei inocente”.

Para Arcoverde (2006), só após o casamento é que as informações com relação a sexualidade eram melhor vivenciadas, pois elas viviam pela primeira vez a atividade sexual; os dois iam se descobrindo aos poucos, um ao outro. Para Rodrigues (2008), a adolescência se apresentava como meio de se discutir as dúvidas em relação a sexualidade. Devido a inexistência de diálogo com os progenitores, iam buscar nas amizades essas informações, embora, muitas vezes estas tenham sido repassadas de forma errôneas. Segundo o mesmo autor, esses preconceitos não permitiram aos idosos de hoje manifestar e agir com liberdade sobre sua sexualidade, colocando-os à mercê da ignorância.

Os preconceitos existentes na época eram aceitos como certos pelos progenitores, pois os pais não esclareciam nada para os filhos, tudo era segredo, limitando o conhecimento sobre o assunto. Isso muitas vezes traz consequências para o idoso, pois não tiveram oportunidade de receber uma educação sexual sadia, livre de preconceitos, colocando-os a mercê da ignorância, o que os levam a vivenciar sua sexualidade de forma castradora (RODRIGUES, 2008).

Quando questionadas sobre se conheciam as formas de evitar as doenças sexualmente transmitidas pelo sexo, 57% das entrevistadas tinham conhecimento dos métodos preventivos e duas senhoras (14%), não conheciam as formas de evitar as DST/AIDS.

Segundo Migliacci (2007), o conhecimento adquirido pelo ser humano está associado a sua percepção de vulnerabilidade a um risco. Ao longo da última década, o conhecimento sobre HIV/AIDS aumentou e, em contrapartida, não se observou aumento semelhante com relação as outras DSTs pela população idosa.

O conhecimento que essas idosas possuem foi adquirido no decorrer de suas vidas, pelas suas experiências. Por terem sido educadas de forma repressora, não tinham conhecimento suficiente sobre o tema. Mesmo depois de adultas, conviviam com muitas dúvidas; pelos moldes de educação que receberam, falar sobre sexualidade era extremamente proibitivo. Até hoje, elas têm um conhecimento precário sobre o tema.

Quando questionadas se alguma vez na vida tinha utilizado algum método para evitar DST/AIDS, três participantes (21%) responderam que já tinham

utilizado algum método preventivo, como relata a entrevistada B: “Conheço a camisinha, eu usei apenas uma vez, meu marido não gostava, mas eu tinha que ter usado, porque meu marido era muito safado”. E 11 (79%) disseram nunca ter praticado métodos de prevenção de DST/AIDS.

Rissardo et al (2009) comentam que a maioria dos idosos não usa preservativos em relações sexuais. Para Albuquerque et al (2008) e Ferrari (2010), o fato das mulheres mais idosas não adotarem medidas de prevenção reside na questão cultural. Os idosos não foram educados para o uso de preservativos. A camisinha e outros métodos eram conhecidos apenas como contraceptivos e não como preventivos.

O que mais preocupou foi que as 14 entrevistadas (100%), após os 50 anos, não utilizaram métodos para se evitar DST/AIDS. Segundo Albuquerque et al (2008), essa resistência em utilizar preservativos vem da falsa concepção de sua inutilidade, por não poderem mais engravidar. Rissardo et al. (2009) constataram que a grande maioria dos idosos não faz uso desse artifício, uma vez que tal método não faz parte de sua geração e de sua cultura.

Segundo Brasil (2004), a incidência de AIDS no início dos anos 90, entre 60 a 69 anos, era de 6,84 casos/100.000 habitantes, passando para 18,74 casos/100.000 habitantes em 1998. No estado do Paraná, no ano de 2004, existiam 163 homens e 48 mulheres com idade entre 60 e 69 anos infectados pelo vírus HIV, outros 32 homens e 9 mulheres com idade entre 70 a 79 anos também com a doença. A grande quantidade de notificações de AIDS entre os idosos deve-se pela falta de campanhas publicitárias de orientação e prevenção da AIDS. O foco das campanhas é sempre os jovens, as gestantes, os dependentes químicos, pois estes são considerados grupos de risco por serem sexualmente ativos em relação aos idosos. Frente às mudanças na prática sexual, a doença vem sendo registrada de forma surpreendente entre os idosos (RODRIGUES, 2008).

Sousa (2008) também relata que o número de casos de AIDS entre idosos no Brasil vem aumentando, no entanto, este grupo não vem sendo contemplado com campanhas públicas para a prevenção.

Com relação a elas acreditarem ser possível ter uma vida sexual saudável e ativa após os 50 anos, 12 (86%) responderam que sim e duas (14%) acharam que não.

Para Perry e Potter (2005), existem muitos mitos e concepções errôneas sobre o sexo não ter importância na velhice. Muitos acreditam que nessa fase as pessoas devem ser assexuadas, no entanto, é anormal os idosos terem interesse por sexo. Esses

mitos prejudicam, sobretudo, as mulheres idosas que, frequentemente, ao atingirem certa idade, já se sentem incapazes de manter um bom relacionamento sexual. Rodrigues (2008) afirma que a sexualidade muda no decorrer do tempo porque as pessoas mudam, tornam-se cada vez mais elas mesmas. E, na velhice, pode-se dizer que com relação a atividade sexual, se perde em quantidade, mas, pode-se ganhar em qualidade, devido as experiências passadas.

O que interfere na vida sexual de uma idosa está além das limitações orgânicas, conta muito a questão psicológica e social; pois a função sexual antigamente vista pela sociedade como numa forma procriatória, foi estabelecida com um tempo para começar e um outro para acabar (CAVALHEIRO, 2008). A sociedade vê a velhice como assexuada, impregnando essa ideia na cabeça dos idosos que são influenciados negativamente.

Segundo Castro e Reis (2002), os fatores biológicos não são os maiores responsáveis pela diminuição do comportamento sexual das mulheres na terceira idade; os maiores influenciadores são os fatores psicossociais, entre eles a história de vida, a falta de informação, a falta de um parceiro. Isso faz com que essas mulheres não usufruam de uma vida sexual saudável.

Ao questionar as participantes se gostariam de ter informações sobre sexualidade, DST/AIDS e se tinham dúvida sobre esse tema, doze (86%) responderam que gostariam de ter mais informações e, realmente, tinham dúvidas. Na pesquisa realizada por Souza (2003), verificou-se que, o nível de conhecimento dos idosos em relação a esse tema, evidencia-se a existência de lacunas. A falta de informação é um fator que influencia a queda da atividade sexual na terceira idade.

Muitos mitos, preconceitos, medos e preocupações desnecessárias poderiam ser minimizados se houvesse esclarecimento eficaz e informações suficientes. É necessária a criação de estratégias em saúde que levem até eles informações sobre formas de transmissão e prevenção de DST/AIDS, para que ocorra uma possível mudança no comportamento dessa faixa etária (SOUZA, et al., 2009).

Vivemos em um mundo em que o processo de envelhecimento é uma realidade clara, mas os estudos são feitos apenas no que se diz respeito aos problemas físicos, característicos dessa faixa etária, ficando aspectos como a sexualidade em segundo plano (ARCOVERDE, 2006). Ainda hoje, a sociedade fecha os olhos de forma discriminatória e acaba por inculcar essa ideia as idosas. É válido ressaltar a escassez de referencial bibliográfico sobre o assunto

pesquisado.

Conclusão

Apesar da população mundial no decorrer do século XX, ter se modificado no perfil demográfico, com o aumento da população de idosos, principalmente entre as mulheres, percebe-se que as políticas públicas e os trabalhadores da área de saúde ainda não estão preparados para enfrentar essa nova realidade.

Nossa sociedade é marcada pelo preconceito perante os idosos, é a fase da vida mais carregada de proibições e limitações, sobretudo quando relacionado à sexualidade na terceira idade. Isso pode ser observado através dos dados obtidos na pesquisa. A sociedade impõe à velhice o fardo da assexualidade, fazendo com que isso se reflita no modo de agir e se expressar quando o assunto é sexo.

Foi notório que existe uma preocupação científica em relação à população idosa em diversos temas, mas são escassos os trabalhos sobre sexualidade, tornando as idosas invisíveis cientificamente, apesar da sexualidade ser um componente para uma vida saudável e com qualidade.

Acreditamos que a idosa, independente de ser ativa ou não sexualmente, possui uma sexualidade apreendida, que pode ser manifestada de outras formas, não exclusivamente pelo ato sexual. Mas o fato da sociedade ignorar esse tema, acaba por inculcar ideias preconceituosas.

Pelas entrevistas realizadas, notamos que essas idosas possuem um conhecimento insuficiente sobre o tema. É necessário levar até elas mais informações sobre as alterações que estão ocorrendo em relação ao corpo, o que são DST/AIDS, quais os métodos preventivos e como é possível ter uma vida sexual saudável, com qualidade, nessa faixa etária.

Vale ressaltar a vulnerabilidade dessa população a DST/AIDS e a importância do uso de preservativo, uma prática não utilizada por essas mulheres, de acordo com os números do boletim epidemiológico, que mostra o crescente aumento da AIDS nessa faixa etária. O fato das mulheres mais idosas não adotarem medidas de prevenção reside na questão cultural. Elas não foram educadas para o uso de preservativos, haja vista ser conhecido apenas como um método contraceptivo e não como preventivo.

Desse modo, observou-se que a sociedade e, principalmente o setor de saúde têm de dar uma maior atenção à sexualidade na terceira idade. As idosas convivem com muitos mitos e tabus que as impedem de ter uma vida sexual satisfatória. É necessário levar

informações corretas sobre o tema, para que seja possível usufruírem de modo satisfatório, de uma vida sexual saudável.

Referências

ALBUQUERQUE, D. A. et al. Conhecimento de idosas sobre infecções sexualmente transmissíveis. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 2, n. 2, p. 137-145, abr./jun. 2008.

ALMEIDA, A. C. et al. **Sexualidade na terceira idade**: alterações fisiológicas e as relações enfermeiro x cliente: uma revisão bibliográfica. 2002. Disponível em: <<http://189.75.118.67/CBCENF/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/sexualidade%20na%20terceira%20idade.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? **Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia**, v. 10, n. 1, p. 101-113, 2007.

ALMEIDA, A. A.; PATRIOTA, L. M. Sexualidade na terceira idade: um estudo com idosas usuárias do programa Saúde da Família do bairro das cidades – Campina Grande/PB. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2009. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/397/274>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

ARCOVERDE, M. A. M. **A percepção da sexualidade do corpo idoso**. 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico AIDS/DST**. Brasília. Programa de DST e AIDS. jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.AIDS.gov.br>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

BONI, V.; QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduados em Sociologia da UFSC**, v. 2, p. 68-80, jan./jul. 2005.

BRUNNER, L. S.; SUDDARTH, D. S. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CAMARGO, T. C.; SOUZA, I. E. O. A pesquisa de enfermagem no Instituto Nacional de Câncer: trajeto, tendência e perspectivas. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 49, n. 3, p. 159-166, 2003.

CAPODIECI, S. **A idade dos sentimentos**: amor e sexualidade após os sessenta anos. Tradução Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000.

CASTRO, N. M. S.; REIS, C. A. C. Sexualidade na terceira idade: não posso, não quero ou não devo. O mito da dessexualização das idosas e a influência da estereotipia negativa as mesmas e suas consequências na vida afetiva e sexual. **Revista de Iniciação Científica Newton Paiva**, p. 1-21, 2002.

CATUSO, M. C. Rompendo o silêncio, desvelando a sexualidade em idosos. **Revista Virtual Textos & Contextos**, ano 4, n. 4, p. 1-19, 2005.

CAVALHEIRO, B. C. **Análise da produção científica sobre a sexualidade da mulher idosa em periódicos da enfermagem, saúde pública e gerontologia, no período de 2003 a 2007**. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2008.

FERRARI, T. B. N. Saúde sexual do idoso: cuidados e percepção dos idosos. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14., 9., 2010, Curitiba. **Anais...** 2010.

GIR, E.; NOGUEIRA, M, S.; PELÁ, N. T. R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 8, n. 2, p. 33-40, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico de 2000 e 2005**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/online>>. Acesso em: 19 mar. 2009.

_____. **Censo demográfico de 2005**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 mar. 2009.

_____. **Censo 2010**: pirâmide etária. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php>. Acesso em: 10 mar. 2011.

- MATSUOKA, P. K. et al. Avaliação do conhecimento dos idosos sobre prevenção de doenças sexualmente transmissível: elaboração de um questionário. In: SEMANA MÉDICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, 38., 2007, Vale do Sapucaiu. **Anais...** 2007. p. 14-14.
- MATTOS, G. A.; NAKAMURA, E. K. **Aspectos da sexualidade no processo do envelhecimento**. 2007. f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Uniandrade, Curitiba, 2007.
- MIGLIACCI, P. E. **Cursos levam educação sexual para a terceira idade**, 2007. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna.html>>. Acesso em: 25 set. 2009.
- MORETTIN, M. et al. Fatores relacionados à auto percepção da audição entre idosos do município de São Paulo. **Revista Saúde Coletiva**, a. 5, v. 24, p. 168-172, 2008.
- MOTTA, A. B. Viúvas: o mistério da ausência. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 7, p. 7-24, 2003.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Guia global: cidade amiga do idoso**. Disponível em: <<http://www.who.int/entity/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2009.
- PELLEGRINI JÚNIOR, O. Alterações na sexualidade da mulher no climatério. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 10, n. 1, p. 27-33, 1999.
- PERRY, A. G.; POTTER, P. A. **Grande tratado de enfermagem prática, clínica e prática hospitalar**. 3. ed. São Paulo: Santos, 2005.
- PINTO, A. C. M. et al. **Sexualidade na terceira idade**. Faculdade da Saúde e Ecologia Humana. Minas Gerais, Primeira Semana Científica, 2005.
- RISSARDO, L. K. et al. Sexualidade na terceira idade: nível de conhecimento dos idosos em relação as DST's. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL DA UEM, 1., 2009, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2009.
- RODRIGUES, L. C. B. **Vivências da sexualidade de idosos (as)**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2008.
- SILVA, R. B. **A mulher de 40 anos, sua sexualidade e seus efeitos**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2006.
- SOUSA, J. L. Sexualidade na terceira idade: uma discussão da AIDS, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. **DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 20, n. 1, p. 59-64, 2008.
- SOUZA, M. T. H. et al. Nível de conhecimento de um grupo de idosos em relação a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. **Avances en Enfermería**, v. 27, n. 1, p. 22-29, 2009.
- SOUZA, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- VASCONCELLOS, D. et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 413-419, 2004.
- ZAMLUTTI, M. E. M. **O mito da velhice assexuada, um ponto de reflexão**. São Paulo: Maturidade, 1996.

Recebido em: 15/10/2010

Aceito em: 25/04/2011

Received on: 15/10/2010

Accepted on: 25/04/2011